

## ARTE INDÍGENA: RESISTÊNCIA CULTURAL DO POVO KAMAYURÁ POR MEIO DO GRAFISMO

**Aparecida Isamara Martins Policarpo<sup>1</sup>**  
UFAPE

[isamarapolicarpo@gmail.com](mailto:isamarapolicarpo@gmail.com)

**Maria Eduarda da Silva Joventino<sup>2</sup>**  
UFAPE

[mariaeduarda9h8@gmail.com](mailto:mariaeduarda9h8@gmail.com)

### 1 INTRODUÇÃO

O presente resumo intitulado “Arte indígena: resistência cultural do povo Kamayurá por meio do grafismo”, é fruto da disciplina Fundamentos e Metodologias do Ensino de Artes II (FMEA II) do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), ministrado pelo professor Luís César Barbosa da Silva. Tivemos como foco apresentar a arte indígena através do grafismo do povo Kamayurá, a vista do cumprimento da Lei nº 11.645 de 2008 que torna obrigatório a inclusão nos currículos da história e da cultura dos povos indígenas.

O docente ao trabalhar a disciplina de Artes na sala deve romper com os estereótipos de práticas pedagógicas que abordem as artes visuais apenas por meio de uma perspectiva colonizadora e eurocêntrica. Assim, em sua conduta como mediador do ensino, o professor deve descolonizar o ensino de Artes e trabalhar com a multiculturalidade que compõem o Brasil, sendo este fundado por as matrizes indígenas, africanas e europeias.

Segundo Goldstein (2019), o trabalho com a arte na perspectiva dos povos indígenas é uma forma de fazer resistir a história e cultura desse povo. Portanto, o docente ao trabalhar conteúdos que abarcam as multiculturalidades na arte no Ensino Fundamental Anos Iniciais, é importante que ele utilize os princípios da abordagem triangular de Barbosa (2001), no qual o ensino e aprendizagem da

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco- UFAPE. E-mail: [isamarapolicarpo@gmail.com](mailto:isamarapolicarpo@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduanda do curso Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Agreste de Pernambuco- UFAPE. E-mail: [mariaeduarda9h8@gmail.com](mailto:mariaeduarda9h8@gmail.com).

arte-educação se dá através do ler, fazer e contextualizar. Assim, a abordagem triangular é flexível e deve ser contextualizada para situar o aluno no tempo em que foi criado de forma reflexiva e inter relacionada ao fazer artístico do educando, no qual ele não irá copiar uma determinada obra artística, mas será estimulado a sua criatividade e releitura de acordo com o seu conhecimento de mundo.

Dessa forma, diante aos autores supracitados acima, pretendemos responder neste estudo a seguinte questão: Quais possíveis contribuições o estudo do grafismo do povo Kamayurá trouxe para os estudantes no ensino da disciplina de Artes através da abordagem triangular?

Assim, para respondermos a questão, tivemos como objetivo geral: conhecer as diversas artes visuais dos povos indígenas através da abordagem triangular, mais especificamente, a) identificar as diversidades artística dos povos indígenas no Brasil; b) compreender o grafismo do povo indígena Kamayurá; c) produzir uma releitura do grafismo indígena do povo Kamayurá;

O presente resumo é relevante para a comunidade acadêmica e para a sociedade, pois o mesmo pretende contribuir no processo de descolonização do ensino eurocêntrico, através de metodologias que abranjam as multiculturalidades do nosso país.

## **2 METODOLOGIA**

Para investigarmos e darmos significados aprofundados ao nosso estudo realizamos uma imersão em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais de uma escola pública do município de Garanhuns. Para isso utilizamos de uma abordagem qualitativa, a qual privilegia [...] essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (Bogdan e Biken, 1994, p. 16). Assim, por meio dos sujeitos participantes da pesquisa e dos instrumentos utilizados nos aprofundamos acerca dos conhecimentos que os estudantes tinham acerca do ensino de Artes dos povos indígenas.

Foi por meio da pesquisa de campo que compreendemos os aspectos individuais e sociais que circundavam aqueles sujeitos e a própria instituição (Beaud e Weber, 2007), sendo de grande relevância para a seleção da temática a ser discutida na intervenção. Assim, em busca de pesquisarmos e intervimos na

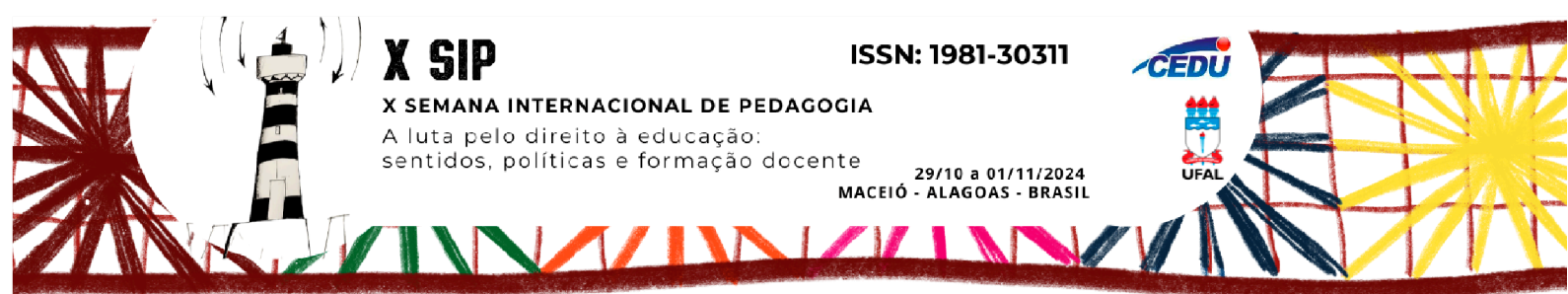
realidade investigada usamos a pesquisa-ação. Dionne (2007, p. 79), define essa técnica de pesquisa como “[...] uma modalidade de intervenção coletiva inspirada nas técnicas de tomada de decisão, que associa atores e pesquisadores em conjuntos de ação com vista a melhorar uma situação precisa [...]”. Portanto, é por meio da investigação inicial que os objetivos de mudanças são traçados para a modificação do cenário.

Em busca de atingirmos os nossos objetivos específicos, realizamos no dia 26/08/2024 uma observação na turma. De acordo com Lukdé e André (2018, p. 31) “a observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas”. Assim, tivemos como ênfase conhecer a rotina escolar da docente e dos estudantes e mais especificamente obter informações com a professora acerca das práticas pedagógicas do ensino de Artes sobre as artes visuais dos povos indígenas do Brasil.

Após a coleta de dados da observação, conversamos com a docente da turma, apresentamos o esboço do plano de aula a ser realizado no dia da intervenção e ela deu algumas sugestões para modificarmos as propostas de acordo com as singularidades dos educandos. Portanto, no dia 29/08/2024, após os ajustes no plano de aula, realizamos a intervenção tendo como foco apresentar as diversas artes visuais dos povos indígenas, mais especificamente o grafismo do povo indígena Kamayurá por meio da abordagem triangular.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Iniciamos o nosso plano de aula no dia 29/08/2024 no 3º ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. Assim, em busca de instigarmos os estudantes a identificarem as diversidades artísticas dos povos indígenas do Brasil, utilizamos a interdisciplinaridade entre o ensino de geografia, história e artes. Segundo, Azevedo e Andrade (2007, p. 239), a interdisciplinaridade “[...] é o elo que possibilita o estabelecimento de inúmeras relações das disciplinas com a realidade, num processo recíproco de aprendizagens múltiplas e intermináveis.” Assim, iniciamos a aula com a apresentação do mapa do Brasil e através das seguintes perguntas instigamos os conhecimentos prévios dos estudantes: “*Vocês sabem de onde é esse*



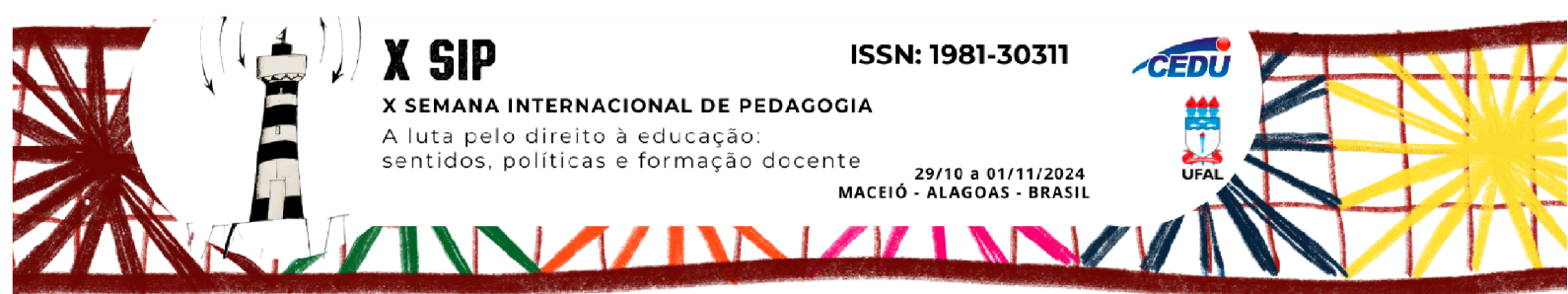
mapa?” “Sabiam que os povos indígenas são pioneiros nessas produções artísticas?”. Observamos que muitos estudantes ainda não sabiam o nome das regiões do país, mas tinham conhecimentos prévios sobre algumas produções artísticas dos povos originários que eram comercializadas na cidade.

Desse modo, para trabalharmos a multiculturalidade que compõem o país, usamos a habilidade EF15AR03 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que tem como objetivo “reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.” (Brasil, 2017, p. 201). Assim, em busca de trabalharmos esses aspectos, apresentamos 10 (dez) imagens, duas por região, de produções artísticas dos povos originários das cinco regiões do país.

Ao levantarmos a imagem da mesa e apresentarmos, perguntávamos aos estudantes: “*Em que local vocês acham que essa arte é produzida?*” “*Vocês já viram alguma dessas artes indígenas?*”. Observamos que algumas produções artísticas foram reconhecidas pelos estudantes, mas outras não. Ao decorrer do diálogo entre os estudantes e os docentes uma pergunta foi feita pelo o educando: “Então não podemos comprar essas artes por ser da cultura indígena?”. Respondemos que sim, mas que é importante sabermos os significados daquela produção indígena.

Assim, foi apresentado aos estudantes grafismos em telas do artista indígena Ruy Kamayurá do povo Kamayurá da Região Centro-Oeste do estado Mato Grosso do Sul no Parque do Xingu. Para as autoras Kamayurá e Kamayurá (2023) as artes e a história são um assunto muito sério para seu povo, onde através de longos treinamentos conseguem chegar a excelência artística necessária para as suas cerimônias. Dessa forma, as expressões artísticas são estratégias para resguardar e transmitir os saberes ancestrais e culturais do Kamayurá.

Após a apresentação do grafismo para os educandos, perguntamos: “*Vocês observaram algumas semelhanças nas pinturas das artes apresentadas no mapa e na tela do artista? Quais?*” Os educandos conseguiram relacionar o grafismo em tela com os grafismos que estavam presentes nas diversidades artísticas de todas as regiões do nosso país. Um dos educandos levantou a afirmação para as docentes de que a pintura do grafismo indígena também estavam presentes na cerâmica



apresentada anteriormente e respondemos que sim, que o grafismo indígena estava em todas as expressões artísticas dos povos indígenas.

Ao terminar as discussões sobre os tipos de grafismos, foi proposto a realização de uma releitura dos grafismos expostos do artista indígena Ruy, para isso, utilizamos uma telha de barro como recurso, sendo dividida entre duas partes para os educandos. É válido ressaltar, que a experimentação através da arte possibilita a interação do visível ao subjetivo, os autores Albuquerque; Sales e Carvalho (2021, p. 96) afirmam que a presença da experimentação se faz em diferentes tons e possibilidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse trabalho concluímos que foi possível conhecer as diversas artes visuais dos povos indígenas através da abordagem triangular, identificando as diversidades artísticas dos povos indígenas, mais especificamente o grafismo do povo Kamayurá, realizando uma releitura do grafismo indígena do mesmo povo. Assim, foi possível identificar a importância de um ensino reflexivo através da abordagem triangular na formação do educando, contribuindo para uma descolonização do ensino por meio da interculturalidade entre as diversidades culturais existentes no nosso país, refletindo como a cultura e a história dos povos indígenas podem permanecer vivas através da sua cultura e a sua diversidade artística.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Fernanda Maria Santos; SALLES, Conceição Gislâne Nóbrega Lima de; CARVALHO, Nádia Priscila de Lima. Arte(sania) na escola: (desa)fios da arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 93-117, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.103735> Acesso em: 12 de setembro de 2024.

AZEVEDO, Maria Antonia Ramos de; ANDRADE, Maria de Fátima Ramos de. O conhecimento em sala de aula: a organização do ensino numa perspectiva interdisciplinar. **Educar**, Curitiba, v. 23, n. 30, p. 235 - 250, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/11387/7933> Acesso em: 10 setembro de 2024.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S. A. 2001.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Tradução: Sérgio Joaquim. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. Título original: Guide de l'enquête de terrain - Produire et analyser des données ethnographiques.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Tradução: Maria João Sara dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora, 1994. Título original: Qualitative Research for Education.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: [L11645 \(planalto.gov.br\)](http://planalto.gov.br) Acesso em: 10 de setembro de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 10 de setembro de 2024.

FLICK. Uew. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução: Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Da "representação das sobras" à "reantropofagia": povos indígenas e arte contemporânea no Brasil. MODOS. **Revista de História da Arte**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 68 - 96, set. 2019. Disponível em: [Da "representação das sobras" à "reantropofagia": povos indígenas e arte contemporânea no Brasil \(unifesp.br\)](http://unifesp.br) Acesso em: 10 de setembro de 2024.

KAMAIURÁ, Kanawayuri; KAMAYURÁ, Mayaru. Arquivo Kamayurá: pesquisa, documentação e transmissão da memória. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 18, n. 1, p. 1 - 10, nov./jan. 2023. Disponível em: [scielo.br/j/bgoeldi/a/hSyxdPvjswVtSCCWTCfb8Yy/?format=pdf&lang=pt](http://scielo.br/j/bgoeldi/a/hSyxdPvjswVtSCCWTCfb8Yy/?format=pdf&lang=pt) Acesso em: 12 de setembro de 2024.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E. P. U., 2018.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Tradução: Michel Thiollent. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

RICHTER, Sandra. Infância e imaginação: o papel da arte na educação infantil. In: PILLAR, Analice Dutra. A educação do Olhar no ensino da Artes. **Editora: Mediação**, Porto Alegre, 2009.